



EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA INVENÇÃO DO CAPITALISMO?

Yara Ferreira de Oliveira - ESEFFEGO

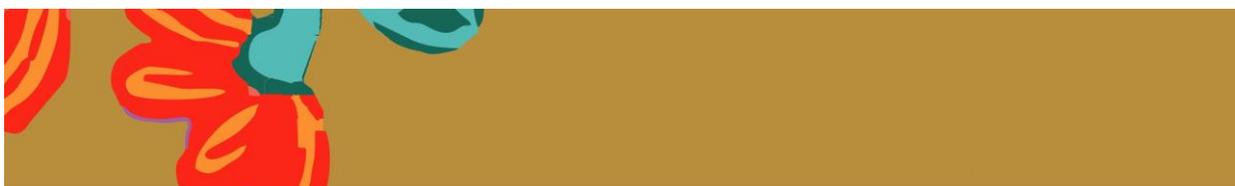
Resumo:

Na sociedade do século XVIII e XIX, ocorre a ascensão e expansão do modo de produção capitalista, apresentando uma nova forma de trabalho (trabalho assalariado) onde, o próprio homem tem o seu corpo transformado em mercadoria, através da venda da sua força de trabalho. O alicerce principal deste meio de produção se dá através da exploração do corpo, sendo ele a principal fonte produtiva do sistema. O corpo é considerado um mero objeto de exploração do sistema capitalista, que o utiliza para a sua continuidade, produção e reprodução. O paradigma de corpo para atender as novas exigências do capital, deveria ser o corpo saudável, forte, disciplinado, produtivo e dócil. Porém, devido as transformações que ocorreram neste período, tais como a industrialização, o êxodo rural, a urbanização descontrolada, as epidemias e o aumento da miséria humana, a sociedade apresenta um corpo debilitado, fragilizado e acima de tudo não produtivo. O corpo neste período necessita então de transformações, ou seja, de “cuidados”, para atender as novas demandas e necessidades desse sistema em plena expansão. Compreender e analisar quais foram as mudanças com o corpo nesse período da história, é um dos motivos para a realização desse estudo. O objetivo principal desse estudo é compreender como se deu o surgimento da Educação Física na sociedade do século XVIII e XIX, buscando analisar a importância do corpo para o capital; identificando também qual era o papel da Educação Física e sua utilização no sistema capitalista, e descrever quais foram as atividades desenvolvidas para a transformação do corpo na sociedade do século XVIII e XIX.

Palavras-chave: Corpo, Educação Física e Capitalismo.

Abstract:

In the society of the eighteenth and nineteenth centuries, is the rise and expansion of the capitalist mode of production, presenting a new way to work (employment), where man himself is transformed his body into a commodity by selling their labor power . The main foundation of this mode of production is through the exploration of the body, being the main source of the productive system. The body is considered a mere object of exploitation of the capitalist system, which uses it for its continuity, production and reproduction. The paradigm of the body to meet the new capital requirements, the body should be healthy, strong, disciplined, productive and docile. However, due to the changes that occurred during this period, such as industrialization, rural exodus, uncontrolled urbanization, epidemics and





increasing human misery, society has a body weakened, fragile and above all not productive. The body needs this time then transformations, ie, "care", to meet the changing demands and needs of the system in full expansion. Understand and analyze what were the changes to the body during this period of history, is one reason for conducting this study. The main objective of this study is to understand how was the emergence of physical education in the society of the eighteenth and nineteenth century, seeking to analyze the importance of the body to the capital, which was also identifying the role of physical education and its use in the capitalist system, and describe the activities which were developed for the transformation of the body into the society of eighteenth and nineteenth century.

Keywords: Body, Physical Education and Capitalism.

INTRODUÇÃO

O corpo representa a depender da época e do espaço, os valores vigentes na sociedade. Ele apresenta em cada período, conceitos e características distintas, sendo constituído assim historicamente. Buscando compreender o corpo e a sua utilização em um determinado período da nossa história, surge o interesse em realizar esse trabalho.

O trabalho também teve como motivação a curiosidade em conhecer as origens da Educação Física no século XIX, as transformações sobre o corpo neste período e as consequências sobre a construção do chamado “novo homem”, também descritos no livro de Carmem Lúcia Soares “Educação Física; Raízes europeias e Brasil”, leitura essa realizada no primeiro período da universidade.

Esclarecendo que a Educação Física não foi a única forma necessária e utilizada para tal transformação do corpo nesse processo, nosso foco se restringe somente à Educação Física no período especificado na pesquisa, seguindo os objetivos apresentados. Salientando também, que não faz parte do propósito deste estudo a análise da Educação Física como elemento ontogenético, mas tão somente a Educação Física como a prática pedagógica sistematizada dentro do processo histórico a ser analisado pela pesquisa, pois tal abrangência vai além dos objetivos propostos, e demanda uma maior tempo e novas pesquisas a serem realizadas.





A pesquisa apresenta como método o materialismo histórico dialético, pois pretende-se desvendar e entender as nuances do objeto de estudo a ser pesquisado, tentando entender as condições históricas que suas características foram estabelecidas. O tipo de pesquisa a ser realizada será a pesquisa qualitativa, adotando também a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico a ser utilizado para construção do conhecimento relacionado a utilização da Educação Física pelo capital.

A pesquisa realizada foi dividida em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado Modernidade e a transformação do corpo, descreve o surgimento do conceito do indivíduo, levando ao aparecimento dos estudos sobre o corpo no período da idade Moderna, conceitua o trabalho nesse momento e apresenta o corpo como mercadoria. No estudo sobre a expansão e ascensão do sistema capitalista, analisamos as transformações provocada pela chamada Revolução Industrial, relacionando também com a revolução que ocorreu com o corpo nesse período da Modernidade.

O segundo capítulo nomeado “Educação Física: uma invenção do capitalismo?”, busca-se discorrer sobre a importância e necessidade do corpo para o sistema capitalista no século XIX, em sua plena ascensão. Apresentamos o surgimento da Educação Física, e a sua utilização para transformação do corpo da sociedade nesse momento, e retratamos ainda quais foram as atividades desenvolvidas e realizadas nesse momento por ela. E no terceiro capítulo temos a exposição da metodologia utilizada para a realização desta pesquisa.

Esta pesquisa contou com a assessoria do o Projeto de Extensão “Assessoria em Pesquisa Científica” dirigido pela professora Dra. Mara B. Medeiros.

CAPÍTULO I – A MODERNIDADE E A TRANSFORMAÇÃO DO CORPO

A idade moderna é um dos períodos da história da humanidade em que se têm a conquista de grandes conhecimentos e transformações na sociedade. Ocorrem mudanças no modo de produção, no modo de pensar, no modo de organização da sociedade e na cultura de forma geral. Surgem novas classes sociais e os novos conceitos sobre o corpo.





Por esses e outros fatores, começaremos esse trabalho ilustrando quais foram algumas dessas transformações que ocorreram nesse período, que são de grande importância para o entendimento do processo de pensamento de um “novo” corpo.

1.1 A idade da instrumentalização do corpo (ou a idade moderna)

Neste momento iremos apresentar as transformações ocorridas com o corpo durante o período da Idade Moderna, sendo de suma importância entender essas mudanças que deram origem ao indivíduo, para que assim, possamos compreender como o sistema capitalista utilizou o corpo como sua ferramenta principal.

O corpo expressa em determinada época e tempo, os valores que se apresentam em vigor na sociedade. Definindo corpo como sendo um objeto sócio Histórico, que sofre alteração em cada período histórico, vamos entender quais foram às mudanças ocorridas com ele durante o período da idade moderna. Esse é o período em que o corpo passa por divisões (a dicotomia corpo e mente), e por separações (o corpo agora não está mais ligado com a igreja, com a religião, como era na Idade Média). Vamos entender esse processo.

Através das ideias de René Descartes, que é uma das grandes referências no campo da filosofia moderna, onde através do seu método da dúvida, lança a racionalidade para o indivíduo, sendo a razão, a SUA única forma de conhecimento. Ele induzia o questionamento da existência das coisas, tudo deveria ser questionado e comprovado. Com a sua famosa frase “penso, logo existo”, Descartes chega assim à conclusão de que é um ser pensante e, portanto, existe (ANDERY, 2007).

A racionalidade apresentada por René Descartes fez surgir a dualidade no indivíduo, onde o corpo é visto, a partir desse momento, separado da mente, criando assim a dicotomia corpo-mente. É com essa dicotomia que o corpo consegue se livrar das obrigações religiosas e da sua ligação com a natureza, passando a ser puramente corpo, apresentando agora uma força própria.

Em Descartes, o corpo humano é do domínio da natureza; o corpo é puramente corpo, assim como a alma é puramente alma, princípio que autoriza a razão, e a ciência, como instituição a conhecer e dominar o corpo





humano tarefa as quais serão exacerbadas na atualidade. (SILVA, 2001, p. 14)

O corpo é dessacralizado, ele perde o caráter sagrado, não sendo mais algo proibido de se manipular. O homem agora é o senhor absoluto da sua própria vontade. A separação do corpo com a divindade aparece com Descartes para que assim o corpo possa ser estudado, pesquisado e fragmentado. A dicotomia corpo e mente é fundamental para que não aconteçam consequências divinas por meio dos estudos científicos realizados com o corpo (ANDERY, 2007).

Vamos compreender esse desligamento do corpo com Deus e com a Natureza, que ocorreu em decorrência do uso da razão, e também perceber o nascimento do indivíduo durante o período da modernidade.

A Idade Moderna é o período em que nasce o indivíduo e o interesse pelo corpo, é a idade em que através da racionalidade o corpo se liberta das obrigações religiosas e da natureza. Sendo que o corpo era constituído de natureza e de essência divina. Assim surge o indivíduo.

A modernidade é o momento de culminância de um processo em que não só se encontra a separação entre ser humano e natureza, como também a separação, ainda que formal, entre todos os seres humanos que se tornam, desde então, indivíduos. (SILVA, 1999 p.08).

O surgimento da individualidade e do interesse científico pelo corpo se dá pelas separações ocorridas nesse momento. Uma delas é a separação do homem com Deus, com a divindade que era tão presente na Idade Média. O homem passa a ser não mais escravo de Deus. Há então uma cisão do corpo com a alma, um desligamento humano com a totalidade. É na modernidade que se fragmenta o corpo, com essa divisão sujeitos “dicotomizados” foram produzidos aos milhares, em consequência aos estudos científicos realizados com os mesmos.





O homem moderno coloca-se, assim, acima da natureza, livre de seus desígnios, como livre dos desígnios de Deus. É ele agora o ser onipotente, fundamento de toda verdade e valor, bem como do próprio mundo tendo pela frente uma liberdade infinita. (FENSTERSEIFER, 2009, p. 142)

Nasce assim um indivíduo que não crê em uma ordem sobre humana, restando agora somente crer na materialidade manifestada pelo corpo. O ser humano agora é regido pelo EU. Na modernidade tem-se o entendimento do indivíduo como um ser moral, independente, autônomo e, assim, essencialmente, não social (SILVA, 1999). Com isso as relações humanas são alteradas, a solidariedade e a harmonia são substituídas pelo individualismo, a sociedade passa a ser constituída de indivíduos competidores entre si.

Os estudos referentes ao corpo vão invadindo o período, a medicina, a fisiologia, a bertillonagem, a fenologia, a ergonomia e a eugenia são os estudos feitos para conhecer e identificaresse corpo, que até então não havia sido estudado. O corpo por não possuir mais um caráter sagrado, passa ser um objeto de manipulação, um objeto científico, o corpo separado da mente, torna-se pura maquinaria.

A eugenia é uma nova ciência desenvolvida por Francis Galton em 1865, que vai tratar das questões que geram as desigualdades sociais presentes nesse momento. Ela vai ficar responsável de justificar a humanidade de forma biológica (SOARES, 2007).

O sistema capitalista em pleno desenvolvimento vai percebendo a importância que o corpo advindo da Modernidade tem para a sua reprodução e produtividade. O corpo é visto agora como o centro do universo, é o objeto principal de estudo, e passa então a ser dotado de força própria. Sendo, portanto, também objeto de cuidado da sociedade. Esse cuidado começa com a idéia de assepsia social, de higienismo e de eugenia.

O corpo biológico tem que ser cuidado para então se ter um “corpo social” saudável. O indivíduo tem que ser forte, útil e submisso, pois, para assim manter a produtividade gerada pelo “corpo social”, a sociedade industrial deve ser acima de tudo produtiva. “O corpo sofre a ação, sofre várias intervenções com a finalidade de adaptá-lo às exigências das formas sociais de organização da produção e da reprodução da vida” (BRACHT, 1999 p. 71).

As atividades cotidianas passam a ser alteradas para melhor cuidado com esse corpo. Uma das novas atividades a ser inserida nesse novo cotidiano é o banho com água fria. Assim





tem-se uma nova expectativa de corpo, tomando o cuidado com essa maquinaria corporal um importante fato para se ter e manter a força corporal. A saúde e a higiene desse corpo passam a ser fundamentais. Esclarecendo que o cuidado que o capital passa a ter com o corpo dos indivíduos da sociedade, não passa de mero interesse em sua força produtiva.

Agora devido à nova ordem socioeconômica do capitalismo industrial, o individualismo passa a ser a expressão ideológica do sistema vigente (SILVA, 1999). É com o individualismo que se instaura uma grande característica do capitalismo: a propriedade privada, que faz aumentar a importância do individualismo para o capitalismo industrial. Sendo que esse individualismo significa ideologicamente a efetivação do modo de produção capitalista.

O capital passa a considerar esse corpo como alicerce principal, daí à importância de melhor cuidar dessa “engrenagem” primordial do sistema.

Como o corpo dos indivíduos é elemento constitutivo das forças produtivas da nova ordem, construindo-se desse modo em realidade biopolítica, o poder de que se revestem certas práticas sociais que nele investem é quase absoluto.

(SOARES, 2007, p. 20)

O uso das disciplinas chamadas “disciplinas somáticas” como a Educação “Física” dos indivíduos passa a ser necessária para que a nova ordem e a nova racionalidade exigidas pela instalação da sociedade industrial fossem criadas (SILVA, 1999). Isso por que era preciso transformar os camponeses e trabalhadores da zona rural em operários para o sistema. Transformação essa que foi necessária para suprir as demandas de produtividade do capital, advindas da revolução industrial.

Havia uma quantidade significativa de trabalhadores para as fábricas, porém os mesmos não eram qualificados para desenvolver tais atividades, era preciso então ensinar este tipo de trabalho fabril. Todo trabalhador tinha que aprender a trabalhar do jeito que era necessário para a produção nas indústrias, era preciso educar os trabalhadores para o novo processo produtivo.





Tem-se a criação dos métodos de ginástica, que utilizam dos movimentos corporais para criação de exercícios para melhor rendimento do corpo como força de trabalho e também para adestramento da sociedade.

O capital investiu nos corpos dos indivíduos, ao longo do tempo, criando uma forma específica de subsunção, que se traduz de certo modo a ideia de subordinação incorporada, assimilada à própria coisa, ou modo de existência do capital (ALVES, 2012, p. 24), ao mesmo tempo em que faz uma exploração econômica. Era preciso meios para se obter corpos saudáveis e ao mesmo tempo corpos obedientes, disciplinados e dóceis, para não se rebelarem contra a exploração que o sistema fazia sobre eles.

O corpo é o grande investimento da sociedade capitalista.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa pelo corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que antes de tudo investiu a sociedade capitalista. (FOUCAULT, 1985, p.203, *apud*, SOARES, 2007, p. 20)

Então, a partir do momento em que se vê o corpo como máquina principal desse sistema, inicia-se uma maior preocupação e cuidado com este corpo. A Educação Física dos indivíduos passa a ser de grande importância para o capital.

Podemos entender então que a Idade Moderna ou a idade do corpo, é a idade em que se tem um corpo livre da divindade excessiva e da ligação com a natureza, formando assim um homem que passa a ser indivíduo autônomo, dotado de razão e de força, porém esses atributos não passam de mera promessa. É a idade em que o corpo de certa forma fica livre de obrigações divinas, consegue ser o centro de estudos, mas também é o período em que ele é aprisionado de vez com as exigências de um sistema que tem a sua força nesse mesmo corpo, resultado de transformações ocorridas na modernidade.

O corpo antes da modernidade se via preso ao mito de Deus, todas as suas ações deveriam corresponder às obrigações divinas. Com a modernidade o corpo passa a ser preso (e continua) ao novo “mito” do capital, que propõe um indivíduo autônomo e empreendedor, mas tal proposta não passa de mera invenção do própriocapital, uma “promessa frustrada” que





na verdade controla e explora o indivíduo. De acordo com ALVES (2005) o sujeito autônomo não passa de uma ficção da burguesia, sendo assim “a principal promessa civilizatória frustrada pelo capital”.

Definido como se deu esse interesse pelo corpo e o porquê dos estudos em relação a ele, vamos agora falar sobre a categoria trabalho dentro desse período, e saber como ele se deu e quais são as suas características principais.

CAPÍTULO II - NASCE O CORPO MERCADORIA

A classe trabalhadora é uma das principais categorias a serem analisadas para a compreensão do funcionamento do sistema capitalista. Devemos enaltecer a categoria trabalho dentro desse processo, porque de acordo com SOUZA (2004) “a essência do homem é o trabalho”. O homem se faz homem pelo trabalho, visto que o trabalho é um processo/relação de transformação do homem com a natureza. O homem modifica a natureza e se modifica através disso. Ele desenvolve potências adormecidas e forças de seu próprio domínio (ALVES, 2012).

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria numa forma útil para sua própria vida. (MARX, 1996, p. 297)

O trabalho em sua categoria sócio histórica assume formas sociais de acordo com os modos de produção historicamente determinados. (ALVES, 2012). No momento da revolução industrial o homem começa a fazer outro tipo de trabalho, sendo esse novo trabalho - assalariado, ou como diz ALVES (2012) “ocorre a separação entre condições subjetivas e





condições objetivas do processo de trabalho. De um lado, o homem, e de outro, os meios de produção.”

O homem rompe a sua ligação com a natureza e com os meios da sua produção, e começa a desconhecer o processo de produção de mercadorias no período industrial. Ele se torna alienado e escravo de um novo trabalho que o aprisiona. É nesse período da Revolução Industrial que o capitalismo tem o seu apogeu, a sua ascensão, é e nesse momento que as características do trabalho vão se modificando. O homem agora passa a ser mera mercadoria para o sistema. Ele vende a sua força de trabalho para o capital que depende totalmente dela para a sua produtividade.

No sistema capitalista o trabalho apresenta algumas características marcantes como: a alienação, as classes sociais, a mais-valia o lucro, o salário e como já foi mencionada, a propriedade privada.

O conceito de alienação é um dos conceitos principais na teoria marxista. Que pode ser compreendido através do estranhamento que há entre o trabalhador e o produto de sua atividade. O trabalhador exerce e trabalha em uma só função, ou seja, em uma parte da fabricação do produto, sendo assim ele não participa de todo o processo da produção, não sendo necessário entender o que estaria produzindo. “o objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, agora se lhe opõe como um ser estranho, como uma força independente do produtor”. (MARX, 2002).

As classes sociais representam as desigualdades sociais que são provocadas pelas relações de produção do sistema capitalista. A sociedade passa a ser dividida em duas classes: a classe dos proprietários dos meios de produção e a classe dos trabalhadores que são os não proprietários dos meios de produção.

O salário é valor que pago pela força de trabalho do trabalhador, porém o valor excedente produzido pelo operário é considerada a mais-valia, que seria todo trabalho que o operário faz a mais do que o necessário para o pagamento do seu salário. A mais-valia representa a disparidade entre o salário pago e o valor do trabalho produzido. (COSTA, 1997)

Com o modo de produção capitalista há uma cisão entre o homem - os meios de produção- e entre a natureza. Essa cisão se dá pela criação da propriedade privada, com isso o





trabalhador se aliena do processo de produção. Como diz ALVES (2012) sobre esse momento “Estamos diante de uma construção sócio-histórico” desse trabalho capitalista.

O trabalho no processo da industrialização já não é o mesmo encontrado no feudalismo durante a Idade Média, o homem passa a ser mera mercadoria para o capital, por que vende a sua força de trabalho. Agora o trabalho considerado uma mercadoria, na qual o trabalhador vende a sua força de trabalho, passando a ser uma mercadoria.

O sistema capitalista além de fazer uma exploração do trabalhador, pagando-lhe baixíssimos salários pela sua mão-de-obra, também leva o trabalhador a uma alienação, uma separação do trabalhador dos meios de produção e do processo de produção de uma mercadoria. Assim o trabalho realizado no sistema capitalista

(...) não é voluntário, mas imposto, é trabalho forçado. Não constitui a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer outras necessidades. O trabalho externo, o trabalho em que o homem se aliena, é um trabalho de sacrifício de si mesmo, de martírio. O seu caráter estranho resulta visivelmente do fato de se fugir do trabalho, como peste, logo que não existe nenhuma compulsão física ou qualquer outro tipo. (MARX, 2002, p. 114)

O trabalhador se encontra nesse período aprisionado por um sistema que depende da sua força de trabalho para existir. Só lhe restando servi-lo para assim conseguir sobreviver a esse sistema. O corpo advindo da modernidade passa a ser trabalhada para a formação de novos indivíduos necessários a nova ordem socioeconômica do modo de produção capitalista, que necessita de produtividade, que é gerada pelo trabalhador.

As ciências passam a ter como objetivo descobrir métodos para melhor rendimento e utilização do corpo no capitalismo. A seguir vamos descobrir o desenvolvimento histórico desse sistema capitalista e como era e como foi tratado esse corpo no período da Revolução Industrial.

2.1 Revolução Industrial e a utilização do corpo





Falaremos neste item sobre como se processou a chamada Revolução Industrial, e qual era o trato com o corpo nesse período. Destacaremos ainda qual era a realidade do corpo que se fazia necessário para o sistema capitalista que ascendia neste período histórico.

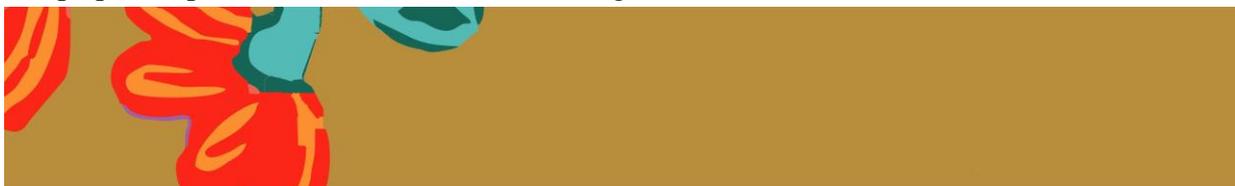
A revolução industrial significou um conjunto de transformações em diferentes aspectos da atividade econômica (indústria, agricultura, transportes, bancos, etc.), que levou a uma afirmação do capitalismo como modo de produção dominante, com suas duas classes básicas: a burguesia, detentora dos meios de produção e concentrando grande quantidade de dinheiro; e o proletariado, que, desprovido dos meios de produção, vende a sua força de trabalho para subsistir. (ANDERY, 2007, p. 257).

A Revolução Industrial trouxe consigo o avanço tecnológico, mas também trouxe ao trabalhador, o operário moderno, a alienação. O trabalhador perde o controle do conjunto de produção realizado nas fábricas, por meio da alienação. Ele passa a ser responsável apenas por uma parte da produção de uma dada mercadoria, realizando apenas um tipo de tarefa no processo de produção.

A Revolução Industrial se iniciou na metade do século XVIII na Grã-Bretanha, onde houve uma intensa mecanização industrial, ocorrida após o período do mercantilismo, que correspondia ao período de intensa expansão marítima, gerador de grande a atividade comercial, e que ajudou a promover o desenvolvimento econômico através do acúmulo de riquezas.

A Grã-Bretanha foi um país que obteve grandes acumulações de riquezas, e pôde assim investir em sua mecanização industrial. Esse fato gerou grandes mudanças na sociedade, mudanças de ordem econômica e de ordem social, que deu a definitiva implantação do modo de produção capitalista, superando de vez as relações e práticas do modo feudal (HOBSBAWM, 2011).

A revolução foi alavancada devido ao poder produtivo que se instaurou na sociedade, sendo responsável pela multiplicação de homens, serviços e mercadorias (HOBSBAWM, 2011). A revolução não surgiu por meio dos avanços tecnológicos ou científicos da Grã-Bretanha, mas por meio das exportações de têxteis e algodão, que geravam grandes produções e riquezas. As produções se iniciam nos domicílios (casas) através dos pequenos artesões, e dos pequenos produtores das manufaturas de algodão e têxtil.





As aldeias começavam a se transformar em pequenas vilas industriais. A sociedade já entrava no clima do lucro através de suas exportações.

À criação de um sistema fabril mecanizado que por sua vez produz em quantidades tão grandes e a um custo tão rapidamente decrescente a ponto de não mais depender da demanda existente, mas claro de criar seu próprio mercado. (HOBSBAWM, 2011, p.64)

Já se encontrava nesse contexto o primeiro mandamento da época: comprar no mercado mais barato e vender mais caro, o lucro passa a ser a base da sociedade industrial. A burguesia acumulava dinheiro tão rapidamente, e em grandes quantidades que excediam todas as possibilidades em investimento. Houve assim o surgimento das ferrovias que representavam símbolo do triunfo do homem pela tecnologia (HOBSBAWM, 2011). Houve a expansão das ferrovias, conseqüentemente expandindo também as produções.

Com necessidade de mão de obra para as fábricas e produções em massa do período, aconteceu o êxodo rural, aumentando assim a população urbana nas cidades industriais. A população rural ou estrangeira era a fonte mais óbvia para suprir a mão de obra, suplementada pela mistura de pequenos produtores e trabalhadores pobres (HOBSBAWM, 2011).

Os trabalhadores rurais se transformavam em operários, e tinham que apreender a trabalhar de acordo com a exigência das indústrias. O trabalho nas indústrias de acordo com ALVES (2012) era um trabalho abstrato:

É apenas com o capitalismo que se constitui o mundo do trabalho propriamente dito, isto é, a forma social do trabalho sob a vigência do trabalho abstrato. Foi com o trabalho capitalista e com o modo de produção capitalista, que ocorreu a unicidade das atividades de luta pela existência, surgindo o trabalho abstrato, forma social hegemônica do trabalho social que envolve todas as demais atividades prático-instrumentais no processo sistêmico de acumulação de valor. (ALVES, 2012, p. 7).

O trabalhador passa a vender a sua força de trabalho, tornando seu corpo em mera mercadoria, por isso o cuidado com o seu corpo se torna importante para sociedade, principalmente para a burguesia, que vê o trabalhador (definido como proletariado) como a





ferramenta principal para o sistema de produção capitalista, visando sempre a sua produtividade, ou seja, a produção de mais-valia.

A Grã-Bretanha era vista como a oficina do mundo, onde os deuses do passado eram impotentes diante dos homens de negócios e das máquinas a vapor do presente (HOBSBAWM, 2011). A Revolução Industrial representou uma nova relação econômica entre os homens, um novo sistema de produção, um novo ritmo de vida, uma nova sociedade, uma nova era histórica.

Com essa nova ordem social fica explícita a divisão da sociedade em burguesia, sendo estes os donos dos meios de produção, e o proletariado, que são os pobres trabalhadores das fábricas. A sociedade passa a ter outro lema: “cada um por si e deus por todos”.

A população vinda do campo, através do êxodo rural proporcionado pelos cercamentos de terra, de onde se instalavam fábricas próximas de rios e de terras recheadas de matéria – prima para a produção, ficavam amontoadas em cortiços e em péssimas condições de vida.

Havia muito mais pobres que, diante da catástrofe social que não conseguiam compreender, empobrecidos, explorados, jogados em cortiços onde se misturavam o frio e a imundice, ou nos extensos complexos de aldeias industriais de pequena escala, mergulhavam na total desmoralização. (HOBSBAWM, 2011, pg. 323).

Os trabalhadores se encontravam em péssimas condições de vida fora e dentro das fábricas. O seu corpo passa a ser igualado às máquinas, onde deviam ser úteis e adestrados, para serem estudados, subordinados e moldados (URGATE, 2004).

Os trabalhadores proletariados passam a ter vícios nocivos para o sistema capitalista. O alcoolismo, a prostituição, o suicídio, a demência e o infanticídio são as consequências sofridas pela população pobre da Revolução Industrial e do mundo pós-revolução. Essa população também sofre com as epidemias de Tifo e Cólera, e as providências só são tomadas quando essas epidemias começam a atingir e matar os integrantes da burguesia.

As péssimas condições que se encontravam os trabalhadores são ingredientes para formar os movimentos trabalhistas, onde os trabalhadores lutavam por melhores condições de





trabalho. O lema desse movimento operário era a solidariedade e a lealdade. Movimento que representa o novo proletariado, que toma consciência de classe e reconhece a sua exploração. Essa característica advém das influências da Revolução Francesa, que deu confiança aos trabalhadores (HOBSBAWM, 2011).

Os homens se tornam cada vez mais dependentes da lógica do capital, esses homens trabalhadores operários eram visto como “mãos” para mover a produção. Eles trabalhavam em condições sub-humanas, e sofriam de intensa exploração. Assim os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais miseráveis. As atitudes da sociedade burguesa eram profundamente cruéis, injustas e desumanas (HOBSBAWM,2011).

O *Homo-Motor* é uma metáfora da força de trabalho descrita do Anshon Rabinbach que compara o corpo humano a um reservatório, como os das máquinas, ligado à energia que tudo move, e que deve ser útil e produtivo (URGATE, 2004). O corpo passa a ser reconhecido com o trabalho, se torna força produtiva para o sistema.

O corpo era uma máquina produtiva, capaz de transformar a sua energia, a sua forçaem trabalho mecânico nas fábricas. Ele passava a ser objeto produtivo. Ambos estavam sobre controle da burguesia, do capital. O corpo humano passa a ser regido por mecanismos ocultos, se transformando em autômatos em a pura maquinaria.

Devido à nova ordem social e econômica imposta pelo sistema capitalista aos trabalhadores, eles começaram a aceitar um novo ritmo e estilo de vida. As suas vidas eram comandadas agora pelo relógio, isso porque para o capital “*times is Money*”. Não eram permitidas interrupções nas produções, com isso os trabalhadores trabalhavam por horas sem descanso ou lazer.

A indústria trás consigo a tirania do relógio, a máquina regula o tempo, e a complexa e cuidadosamente prevista interação dos processos: a mensuração da vida não em estações (acerto de trabalho até a Festa de São Miguel, ou até a Quaresma) ou mesmo em semanas e dias, mas em minutos, e acima de tudo, uma regularidade mecanizada de trabalho que se choca não só com a tradição mas também com todas as inclinações de uma população ainda não condicionada para ela.” (HOBSBAWM, 1979, p. 80)





A sociedade industrial, regida pelo moralismo burguês, era contrária à preguiça e ao ócio. O trabalhador deveria ter seu tempo e energia todo destinado à produtividade, sendo que, tudo lhe era imposto, não deixando espaço para questionamentos ou dúvidas. A burguesia não se interessava pelas condições materiais e de vida do trabalhador. O que realmente importava era a mais-valia, produzida pelo corpo desse trabalhador.

Os discursos sobre higiene e o início de atividades físicas rígidas eram implantados nessa sociedade, visando melhorar a força de trabalho e diminuir o ócio e os vícios presentes nos trabalhadores. O corpo do trabalhador passa a representar os valores vigentes da sociedade. De que forma foi possível controlar, manipular e transformar esse corpo?

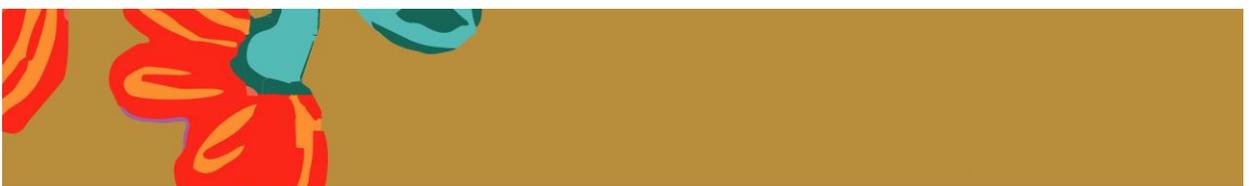
CAPÍTULO III - EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA INVENÇÃO DO CAPITALISMO?

A Educação Física surge nesse momento do século XIX como um remédio para curar os vícios presentes na sociedade, e surge também como meio de instrumentalização do corpo como força de trabalho. Mas o seu principal uso é para aceitação e reprodução da exploração do capital. Vamos entender o surgimento e a necessidade da Educação Física nesse período.

3.1 A Necessidade do Capital

Os séculos XVIII e XIX foram períodos de grandes mudanças na Europa, como já foi apresentado, o corpo passa por transformações em virtude dos estudos científicos que começam a ser realizados com ele, e do novo tipo de trabalho realizado, apresentando assim, novos conceitos nesse período.

O modo de produção capitalista tem a sua ascensão e o seu apogeu devido a industrialização que acontece todo vapor nesse período. É através desse novo modo de produção que ocorre o aparecimento das desigualdades sociais decorrentes das novas relações de produção do sistema capitalista.





A divisão da sociedade em classes passa a ser algo inerente ao capital, ela se dá através do surgimento de duas classe sociais bastante distintas (esclarecendo que a sociedade sempre esteve dividida em classes): o proletariado (trabalhadores) que são os não-proprietários dos meios de produção, e a burguesia que representa os donos dos meios de produção. Com essa divisão das classes sociais, têm-se a consolidação da burguesia como classe dominante da sociedade nesse momento.

A classe dos proletariados sofre uma intensa exploração do sistema capitalista, ela se apresenta amontoadada em cortiços, não contendo nenhuma condição digna de vida. Com isso as epidemias vão surgindo e matando vários trabalhadores e atingindo também os burgueses. Devido a esse e a outros fatores, os trabalhadores vão ganhando consciência de classe, e começam a lutar por melhores condições de vida e de trabalho.

Diante dessa situação, a burguesia se encontra ameaçada pela classe dos proletariados, que vão tomando consciência de classe e começam a requerer melhores condições de vida e trabalho, e pelas suas epidemias.

Para manter a sua hegemonia, a burguesia necessita, então, investir na construção de um homem novo, um homem que possa suportar uma nova ordem política, econômica e social, um novo modo de reproduzir a vida sob novas bases. (SOARES, 2007, p. 5).

Era preciso transformar essa classe de proletariados, para que eles tivessem mais disciplina, força e aceitassem a exploração do sistema vigente. Visto que para conseguir tais propósitos, só havia uma saída: o corpo. A burguesia em nome do capital passa então a investir nos corpos dos trabalhadores, por meio de uma “Educação Física” que segundo SOARES (2007) “será a própria expressão física da sociedade do capital”.

Será através do corpo, do físico, que a burguesia modificará a sociedade do século XIX, assim sendo a Educação Física aos olhos do capital será o “remédio” para essa sociedade.

Ela encarna e expressa os gestos automatizados, disciplinados, e se faz protagonista de um corpo “saudável”; torna-se receita e remédio para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade, e, desse modo, passa a integrar o discurso médico, pedagógico... familiar. (SOARES, 2007, p. 6)





Quando o sistema capitalista encontrou no corpo dos trabalhadores a sua força para manter o seu funcionamento, ficou implícito que o cuidado com esse corpo agora era fundamental. Era necessário conceder a essa classe de trabalhadores uma “saúde” que desconsiderava as condições de vida desse trabalhador, e também lhe incorporar uma educação higiênica para a formação de hábitos morais. Sendo que esses cuidados que seriam oferecidos à classe burguesa, não passariam de uma ilusão para a classe operária. A real preocupação do sistema capitalista seria apenas em manter e aumentar a sua produtividade.

A Educação Física ficará responsável por inserir esses novos hábitos a essa classe, para que acima de tudo, esse corpo, que visto pelo capital como engrenagem principal da sua produção, tenha mais força, gerando assim, mais produtividade para o sistema. O corpo deverá ser cautelosamente controlado, para ser verdadeiramente útil ao capital.

Para justificar as desigualdades sociais, e as diferenças presentes na sociedade, a burguesia utiliza das causas biológicas para tais explicações. Tudo nessa nova sociedade será justificado por meios biológicos, pela evolução biológica, tendo como base a teoria da evolução de Charles Darwin. A teoria da evolução de Darwin se refere aos animais e trata, dentre outras coisas, da seleção natural, sendo que organismos mais adaptados ao ambiente apresentam maiores chances de sobreviver e de deixar mais descendentes do que os organismos menos adaptados. Sendo assim, os organismos mais adaptados são selecionados pelo ambiente em que vivem.

Porém, para justificar as desigualdades presentes nesse momento e determinar o lugar de cada indivíduo na sociedade, o conceito de seleção natural da teoria da evolução de Charles Darwin, foi transposta para outra esfera, a esfera social, recebeu o nome de Darwinismo Social.

O darwinismo social aplicou a idéia de seleção natural para a sociedade, tratando os indivíduos como competidores entre si, para que pudessem se evoluir. Assim, com o uso da biologia e da ciência, a burguesia conseguia determinar as funções e os papéis das classes sociais na sociedade, mantendo a sua ordem (SOARES, 2007).





Devido à necessidade de se investir no corpo dos trabalhadores, melhorar a sua produtividade, a burguesia começa a operar na implantação desses novos hábitos, para assim começar as suas mudanças. O corpo do indivíduo passa a representar o corpo social da sociedade em transformação. Começam a aparecer as políticas de saúde, que têm o objetivo de corrigir e melhorar o corpo social e mantê-lo em constante estado de saúde. Porém, tudo o que é realizado em nome dessa “saúde”, não passa de um meio de controle para as massas operárias urbanas, mantendo assim a ordem burguesa.

De fato, as concepções, os valores e os hábitos que a ciência médica desenvolveu tiveram um papel significativo na construção e na ordenação da racionalidade social, racionalidade esta que nasce colada às exigências de saúde do “corpo biológico” para a manutenção da saúde do “corpo social”, ou seja, para a produção e reprodução do capital. (SOARES, 2007, p. 22)

Porém, não somente manter a ordem burguesa, mas também para a preparação do corpo do trabalhador para o trabalho, para a criação de um corpo produtivo, dócil, disciplinado, útil e obediente à essa nova ordem burguesa.

A Educação Física estará voltada para a saúde do corpo biológico, a fim de alcançar as mudanças dos hábitos de uma forma geral no corpo social, representando a presença da dicotomização do corpo. A burguesia passa então a acreditar que somente através das mudanças realizadas no corpo, que de fato alcançaria a real implementação de um novo modo de vida.

A mulher nesse momento, terá uma grande importância para a burguesia, pelo fato de que será ela, uma das responsáveis pelo processo de racionalizar e civilizar a classe operária. A mulher ficará responsável por internalizar os novos hábitos de vida da sua família e da sociedade. Ela cuidará da educação dos filhos, da limpeza de sua casa e da saúde de seu marido e dos filhos também. A figura da mulher será a figura ideal para a domesticação da classe operária.

O que se cria em torno da mulher e sobre ela tem a função precípua de preservar a capacidade de trabalho das massas urbanas e fazer dela um





indivíduo capaz de veicular valores e de internalizar e disseminar práticas higiênicas moralizadoras. (SOARES, 2007, p. 28)

Nas indústrias, o salário pagopara as mulheres é bem menor do que o pago aos homens, isso porque para o novo modo de produção, existem diferenças entre eles, que serão explicadas pela natureza, essas diferenças vem da natureza e não da sociedade ou da cultura. Com essa “guardiã dos bons hábitos”, a mulher cuidará da eliminação dos vícios dessa classe operária que gera toda a sua miséria.

De acordo com o sistema capitalista, a fonte de toda a miséria da classe trabalhadora, não era a exploração ou as condições de trabalho, eram os hábitos (vícios, alcoolismo, prostituição, imoralidade) mantidos por essa classe, que causavam toda os seus miséria. Assim a burguesia se livrava daresponsabilidade sobre as condições de vida dos trabalhadores – sua decadência física e moral-, passando essa responsabilidade para a própria classe operária, sendo ela a responsável por sua condição.

A Educação Física será um mecanismo utilizado na construção deste novo homem, sujeito do capital (SOARES, 2007), necessário para a nova ordem social. Ela é sistematizada nesse período em métodos, e através do caráter científico, é difundida como a salvadora para os males da sociedade. A Educação Física será a personagem principal na construção desse corpo dito “saudável”, e que se tornará “saudável” por meio dos exercícios físicos, considerando a palavra “saudável”, no seu sentido mais reducionista possível.

3.2 A Ginástica como expressão da Educação Física

A Educação Física será realizada nesse momento através da ginástica por meio dos chamados métodos ginásticos (ou escolas) que surgiram na Europa no século XIX. A concepção de ginástica neste período visa instrumentalizar e mecanizar ações e gestos no trabalho, bem como fazer uma economia de energia e de tempo de realização do mesmo.

A burguesia buscava fazer uma educação do corpo, a ginástica ficará encarregada dessa educação. A aplicação da ginástica se dava para o controle da classe operária que era





considerada perigosa e subversiva para o capital, e também propagada sob o discurso da aquisição e preservação da saúde.

Para o capital, a classe operária era perigosa, pelo fato de começar a tomar consciência de classe, de se unir através dos movimentos sociais que vão começando a lutar por melhores condições de trabalho. Sendo assim a burguesia percebeu que era necessário investir no corpo dessa classe para assim adestrá-los, disciplina-los, manipulá-los e desenvolver-lhes uma maior força física para produção e reprodução do capital (SOARES, 2007).

Para garantir seu lugar na sociedade burguesa, a ginástica precisa obter um caráter científico, para que possa ser aprovada pela classe burguesa, e realizada na sociedade. Será através da ciência que a estudará, que ela irá conseguir esse caráter. “Quando os círculos científicos se debruçam sobre o seu conteúdo desejam então aprisionar todas as formas/linguagens das práticas corporais sob uma única denominação: GINÁSTICA” (SOARES, 1999, p.10).

... cujo conteúdo básico foi definido a partir de parâmetros formulados pela cultura grega que a compreendia ligada à idéia de saúde, beleza e força. Ciência e arte, então, explicavam para essa cultura, as diferenças de aplicação, as possibilidades de classificação, bem como os efeitos dos exercícios sobre os indivíduos. Explicavam, ainda, a relação direta que acreditava-se existir entre a ginástica e o desenvolvimento do caráter, da moral e da virtude. (SOARES, 1999, p. 11)

As primeiras sistematizações sobre a ginástica na sociedade burguesa ocorreram em quatro países da Europa: A Alemanha, a Suécia, a França e a Inglaterra. Porém na Inglaterra a prática corporal que se afirma é o jogo esportivo, que tem como características: o treinamento e o ranqueamento

A sociedade do século XIX passa então a ter o seu remédio, a sua receita para os males presentes. O adestramento, a modelagem, a educação e a manipulação dos corpos, ficam a cargo da utilização da ginástica. Durante esse período havia uma atividade presente na sociedade que contrapunha a Ginástica em todos os sentidos, essa atividade era o circo.

O circo despertava imenso fascínio em toda a sociedade. Ele era um lugar de puro encantamento que contradizia todos os aspectos impostos pela Ginástica. “Era sempre o lugar onde houvesse gente que se dispusesse a rir, a aplaudir, a se embevecer com as peripécias do





corpo... de um corpo ágil, alegre, cheio de vida porque expressão de liberdade, sobretudo, resistente às regras e normas.” (SOARES, 1999, p.14)

Para a classe burguesa que também se encantava com os espetáculos do circo, ele era perigoso para as idéias de disciplina e ordem, principalmente no que diz respeito ao uso do corpo. Os movimentos corporais do circo não tinham utilidade para a nova ordem social burguesa, representavam intensa ausência de utilidade no trabalho.

Os espetáculos abalavam a sociedade com os movimentos dos acrobatas e dos contorcionistas, os risos através dos palhaços e os shows de mágicas, eram um terrível atentado para a nova ordem social. “A atividade física fora do mundo do trabalho, deveria ser útil ao trabalho” (SOARES, 1999), os movimentos corporais deviam ser sempre úteis ao trabalho. A ordem burguesa buscava um corpo perfeito, limpo e fechado, totalmente diferente do que se via nos espetáculos de circo.

Os exercícios físicos serão representados e realizados através dos métodos ginásticos, que utilizaram de várias formas para se concretizarem. Apesar de que em cada país em que se desenvolveram os métodos ginásticos, a ginástica apresentou algumas particularidades, de um modo geral, mas possuem finalidades em comum:

regenerar a raça (não nos esqueçamos do grande número de mortes e de doenças); promover a saúde (sem alterar as condições de vida); desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver (para servir à pátria nas guerras e na indústria) e, finalmente, desenvolver a moral (que nada mais é do que uma intervenção nas tradições e nos costumes dos povos). (SOARES, 2007, p. 52)

Tendo em cada país a sua característica particular, os métodos ginásticos representavam a educação do “físico”, apresentando como objetivo principal criar novos hábitos morais para a classe operária, que representava para o sistema capitalista, a sua maior fonte de lucro. Vamos apresentar cada um dos métodos a seguir.





3.3 Métodos Ginásticos

Na Alemanha a ginástica buscava acima de tudo criar um espírito nacionalista e desenvolver em homens e mulheres a força e o corpo saudável. Toda a ginástica alemã estava construída nas bases científicas do momento: a biologia, a fisiologia e a anatomia.

Um dos fundadores da ginástica alemã foi GutsMuths, que dizia que a Ginástica deveria ser organizada pelo Estado e realizada todos os dias por homens, mulheres e crianças. Sendo assim a ginástica seria um “meio educativo fundamental para a nação, disseminando cuidados higiênicos com o corpo e com o espaço onde se vivem” (SOARES, 2007, p.53).

Outro idealizador da ginástica alemã foi Friederich Ludwig Jahn, que buscava desenvolver com a ginástica não apenas a saúde e a moral, mas desenvolver principalmente o caráter militar. Jahn utilizou das lutas e dos jogos em seus sistemas de ginástica, e criou o seu movimento de ginástica, chamado “Turnen” (SOARES, 2007), que reforçava o caráter militar e patriótico à classe operária.

Essa forma de instrução física militar, destinada às massas, embora disseminasse do ponto de vista ideológico, a moral e o patriotismo, apresentava um forte conteúdo higiênico e tinha por finalidade primeira tornar os corpos ágeis, fortes e robustos. (SOARES, 2007, p. 54)

O investimento nos corpos dos indivíduos, através da ginástica, busca a formação de um homem universal, que terá disciplina, moral, higiene e acima de tudo será forte e patriota para defender o seu país.

Na Suécia os métodos ginásticos tiveram como objetivo extinguir os vícios presentes na sociedade, buscando também a saúde física e a moral, tendo assim fins pedagógicos e sociais. O método sueco de ginástica buscava formar indivíduos fortes, saudáveis e livres de vícios. “Esses eram os indivíduos necessários, já que seriam úteis à produção e à pátria.” (SOARES, 2007, p. 56). O idealizador da ginástica sueca foi Pehr Henrick Ling, que considerava que a sua Ginástica poderia ser dividida de acordo com o fim visado.

Assim a sua Ginástica poderia ser dividida em: Ginástica Pedagógica ou educativa- que seria praticada por todas as pessoas buscando desenvolver um indivíduo normal e





harmonioso; ginástica militar -que teria exercícios militares com a esgrima e o tiro, buscando preparar o indivíduo para ser um guerreiro; ginástica médica ou ortopédica – visava eliminar os vícios e/ou defeitos posturais dos indivíduos e a ginástica estética – que utilizaria da dança para criar beleza e graça nos movimentos. (SOARES, 2007). Com essa divisão, a ginástica sueca seria útil para qualquer fim.

Na França o coronel espanhol Francisco Amoros y Odeano idealizou a ginástica francesa, que objetivava acima de tudo a educação moral. Ele utilizou de ginásios como sendo o lugar de seus espetáculos de demonstração de força física e destrezas.

Os ginásios eram os lugares onde se aprendia a usar as forças de forma correta. Amoros se inspirou nas idéias de Pestalozzi que “acentuava a necessidade do exercício físico na educação das crianças como um meio de formação não somente física, mas também estética e sensorial.” (SOARES, 2002).

A ginástica pensada por Amoros insere-se no conjunto das normas de conduta moral e de pedagogias que se elaboram para formar ou reformar o corpo, regulando corretamente suas manifestações e educando a vontade. É o corpo que objetiva a ação educativa e moral por excelência. (SOARES, 2002, p. 37)

Amoros consegue atribuir ao método de Ginástica Francês, a relação da saúde com a utilidade das ações. Os exercícios estavam sempre relacionados com a economia de tempo e de energia nos movimentos do trabalho. O seu método sempre esteve pautado na ciência e na técnica, explicando e justificando cada movimento.

Dentre os exercícios realizados em seu treinamento estavam: a corrida, a marcha, os saltos e o canto. Havia exercícios realizados em aparelhos, e sem aparelhos. Havia exercícios para todos, a ginástica sem aparelhos podia ser realizada por qualquer pessoa e ser executada em qualquer lugar, sendo chamada de Ginástica Elementar (SOARES, 2002), que se constituía de exercitações simples.

Amoros também contestava o circo, dizendo que os movimentos corporais dos espetáculos circenses não apresentavam utilidade para a vida nessa sociedade. O circo não tinha utilidade alguma.





A diversão que apresentavam era completamente descomprometida, não pretendiam “educar” ninguém... apenas encantar. E é este encantamento que atemorizava, era a ausência de fixidez que desestruturava as formas habituais de controle. (SOARES, 2002, p.55)

Os espetáculos do circo iam contra os comportamentos civilizados impostos pela nova ordem. A ginástica oferecia outro tipo de espetáculo com os seus exercícios, um espetáculo de puro controle corporal. A sociedade se encontrava em um momento na qual se buscava construir um corpo civilizado, e os gestos construídos para serem econômicos e úteis para as finalidades da vida no trabalho. Em seus ginásios, Amoros promovia os seus espetáculos de adestramento do corpo.

Os exercícios desenvolvidos pelos métodos de ginástica apresentados visavam acima de tudo, desenvolver na classe trabalhadora, a disciplina, a moral e a força, criando indivíduos fortes para a reprodução do capital. A saúde passa a ser importante alvo de preocupação da burguesia em ascensão. Adotam-se políticas de caráter higienistas e eugênicas para tratar a saúde do trabalhador.

Aqui mora a grande contradição do capital, em promover de um lado a “saúde” dos trabalhadores, que formavam a base essencial para a sua reprodução, e por outro lado, a promoção das mais precárias e desumanas condições de vida e de trabalho, causando a sua plena e total destruição.

Evidencia-se assim a característica irracional do próprio capital: a destruição e recomposição da sua força de trabalho.

Assim, o nascimento da Educação Física se deu, por um lado, para cumprir a função de colaborar na construção de corpos saudáveis e dóceis, ou melhor, com uma educação estética (da sensibilidade) que permitisse uma adequada adaptação ao processo produtivo ou uma perspectiva político racionalista, e, por outro, foi também legitimado pelo conhecimento médico-científico do corpo que referendava as possibilidades, a necessidade e as vantagens de tal intervenção sobre o corpo. (BRACHT, 1999, p.73)





Era necessário um meio na qual a classe operária adquirisse novos hábitos e eliminasse os vícios, sem que conseguisse uma consciência sobre a sua exploração, coube então a Educação Física fazer esse papel.

CAPÍTULO IV - METODOLOGIA

Para a construção desse projeto, o tipo de pesquisa a ser utilizada será a pesquisa qualitativa, que busca entender e interpretar o fenômeno a ser estudado. A pesquisa qualitativa tem como objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social (NEVES, 1996). Sendo assim a pesquisa qualitativa visar conceder um trato qualitativo ao objeto estudado, como as descobertas e discussões a respeito dos questionamentos, tratando-se de uma pesquisa indireta.

A pesquisa qualitativa apresenta, dentre outras características, a preocupação com o processo do estudo, maior do que com o produto. O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. (LUDKE e ANDRÉ, 1986)

O método de pesquisa a ser adotado pelo trabalho será o materialismo histórico dialético, pois a pesquisa em questão visa desvendar e entender as nuances do objeto a ser pesquisado, tentando estabelecer as condições históricas que suas características foram estabelecidas, portanto pretende caracterizar o movimento do objeto, fruto desta investigação.

O materialismo histórico dialético percebe o mundo como uma realidade dinâmica e um complexo de processos e, neste caso, a abordagem da realidade só pode ser feita considerando as coisas na dependência recíproca, ou seja, dialeticamente. O materialismo dialético ressalta a *prática* social como critério de verdade, na teoria do conhecimento e tem a *contradição* como sua categoria essencial. (MEDEIROS, 2006, p. 38)



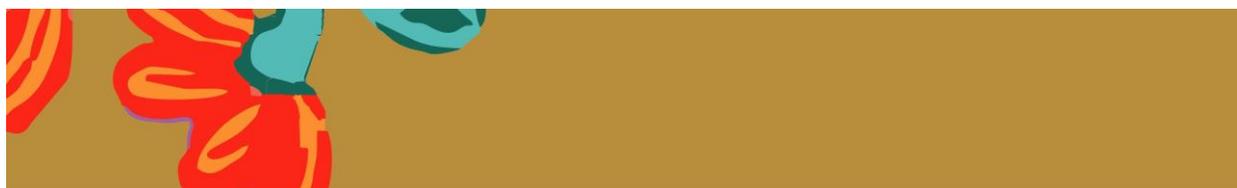


Assim para o materialismo histórico dialético, o método é algo que permite conhecer o processo histórico que articula o sujeito que quer conhecer e o objeto a ser conhecido. Portanto a pesquisa visa articular o que está por trás das aparências, tendo como método mais apropriado o materialismo histórico dialético, pois ele permite buscar explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento. (TRIVIÑOS, 2007).

Como procedimento metodológico, utilizaremos a pesquisa bibliográfica, sendo que: “A pesquisa bibliográfica busca dar resposta ao problema formulado, a partir da análise de produções de outros autores.” (MEDEIROS, 2006, p. 54)

A revisão das bibliografias pesquisadas deu-se por meio de anotações e fichamentos, visando conhecer, interpretar e analisar as diversas publicações acerca do tema escolhido. Buscando recolher informações e conhecimento para a construção desse estudo.

Para a realização desta pesquisa, serão utilizadas as seguintes bases de dados virtuais: Scielo, Acervus(Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP), Athena (Universidade do estado de São Paulo- UNESP), Domínio Público (www.dominiopublico.gov.br), biblioteca virtual da USP – DEDALUS, revistas eletrônicas da área de Educação Física (CBCE), Periódicos CAPES (www.periodicos.capes.gov.br), biblioteca da Universidade Estadual de Goiás – UFG, biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC GO, biblioteca da Universidade Estadual de Goiás – ESEFFEGO.





REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALVES, G. **O Conceito de Trabalho: a perspectiva histórico-ontológica**. Marília: Curso Virtual/aula01/ A precariedade do trabalho no capitalismo global. 2012

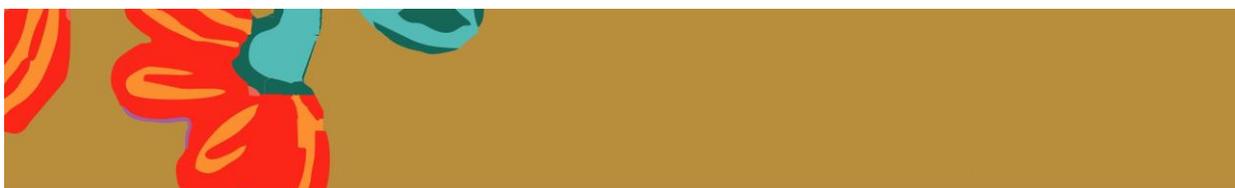
ANDERY, M. A. P. A. et al. **Para compreender a ciência – uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2007.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Cadernos Cedes, Ano XIX, nº 48. 1999.

CARVALHO, Y. M. **O “mito” da atividade física e saúde**. São Paulo, Editora Hucitec. 2004.

CAVALCANTI, D. R. M. O surgimento do conceito “corpo”: implicações da modernidade e do individualismo. **CAOS – revista eletrônica de ciências sociais**, nº09, pág. 53 – 60. 2005. Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br/caos>> Acesso em: 18.10.12

COELHO, R. F. J.; SEVERINO, M. F. V. Histórias dos usos, desusos e usura dos corpos no capitalismo. **Revista do departamento de psicologia – UFF**, v.19-n.1, p. 83-100, 2007.





FENSTERSEIFER, P. E. Corpo e modernidade. **Espaço plural**, ano X, nº 20, ISSN: 1518-4196. 2009.

HOBSBAWM, E. J. **As origens da revolução industrial**. São Paulo: Global, 1979.

_____. **A era das revoluções, 1789-1848**. 25ª edição revista, 3ª reimpressão, São Paulo, Editora Paz e Terra, 2011.

JUNIOR, C. H. Corpo, educação e o trabalho no capitalismo industrial (1860-1920). **Revista HISTEDBR**, nº25, p. 54-66, ISSN: 1676-2584. Campinas – São Paulo, 2007.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**.

São Paulo: EPU, 1986.

MARX, K. **O capital**. São Paulo, Ed. Nova cultura v. 1 (Coleção Os Economistas), 1996.

_____. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo, Ed. Martin Claret, 2002.

MEDEIROS, M. **Metodologia da pesquisa na Iniciação Científica: aspectos teóricos e práticos**. Goiânia, Editora Vieira, 2006.

NEVES, J. L. **Pesquisas qualitativas – características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisa em administração. São Paulo, 1996.

SILVA, A. M. **Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, 2009.

SILVA, A. M. **Corpo, ciência e mercado – reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade**. Editora da UFSC- Coleção Educação Física e Esportes, 2001.

SOARES, C. L. **Imagens do corpo “educado”: um olhar sobre a ginástica no século XIX**. Pesquisa histórica em Educação Física, vol. 2, CEFO/UFES – Vitória, 1999.

_____. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 2ª edição revisada. Campinas, São Paulo, Ed. Autores Associados, 2002.

_____. **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

_____. **Raízes europeias e Brasil**. 4ª edição. Campinas, São Paulo, Editora Autores Associados, 2007.





SOUZA, L. B., FIGUEIREDO, M. A. C. Qualidade profissional e representação sobre trabalho e qualidade de vida. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, v.14, n.28, p. 221-232, 2004.

UGARTE, M. C. D. **Homo motor, ciborguese ...aha! pessoas da revolução industrial à revolução da informação**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação Física – UNICAMP. Campinas, 2004.

